MARIA: modelo de mulher e mãe

Eunaide Monteiro de Almeida Silva[1]
Severino Crisóstomo dos Santos[2]
Luiz Alencar Libório[3]

Introdução

E no final do sexto dia, segundo a Bíblia, Livro de Gênesis, 1-2, Deus criou o homem (Adão) à sua imagem e semelhança. Criou uma mulher (Eva) e a apresentou para ser companheira do homem e os presenteou com um maravilhoso lugar para morar (o Paraíso). Deus viu que 'tudo era bom'.

Pela teimosia de Eva e pela fraqueza de Adão, que nem consegue assumir sua parte na responsabilidade do que foi feito, apontando a mulher como única culpada, o pecado é introduzido no mundo através da desobediência (BÍBLIA, Gênesis. 3). Eles formaram a primeira família de que se tem notícia na história bíblica e tiveram dois filhos: Caim e Abel. Por causa do pecado do ciúme, Caim matou Abel, cometendo o primeiro crime da humanidade: o fratricídio. Ao ver que seu projeto tomou um rumo diferente do que pensara inicialmente, dentre todas as mulheres, Deus escolhe uma, Maria de Nazaré, para ser a Mãe do Salvador da humanidade.

Terá sido por mero acaso que a mulher escolhida, Ave, tem seu nome escrito ao contrário do nome da mulher criada inicialmente, Eva? Neste artigo, objetivamos refletir qual o papel que Maria de Nazaré representa para a humanidade, considerando o seu lado humano e o que ela nos deixa como legado para vivermos no mundo atual.

Deixaremos, pois, a perspectiva Teológica para os teólogos, da Maria Virgem antes, durante e após o parto, Escolhida por Deus, Assunta ao Céu, e nos debruçaremos sobre os estudos da Maria mulher, humana, que escolheu seu Deus e, aqui na terra, cumpria com as exigências deste Deus à medida que institui sua família e a conduz com a força que só alguém que já descobriu o verdadeiro sentido da vida pode manifestar. Ela se responsabiliza pela humanidade, sente compaixão pelos que sofrem, enfrenta os poderosos educando seu filho de forma tão generosa

[1] Graduada em Letras, com especialização em Psicopedagogia, mestranda em Ciências da Religião pela UNICAP.
[2] Mestrando em Ciências da Religião pela UNICAP.
[3] Professor Doutor Luiz Alencar Libório. Docente, orientador e pesquisador na UNICAP.

que o torna capaz de, seguindo o exemplo e as determinações dela, sua mãe, dar sua própria vida em favor dos mais necessitados.

Ao receber a notícia de sua gestação, Maria “glorifica” ao Senhor exultando de alegria e recita o seu Magnificat (Lc 1:46). Em sua resposta, afirma que Deus “desconcertou os corações dos soberbos. Derrubou do trono os poderosos e exaltou os humildes. Saciou de bens os indigentes e despediu de mãos vazias os ricos” (Lc 1:51-53). Neste instante, ela já se coloca como pessoa engajada na luta do povo, a favor dos pobres que viviam em estado de extrema opressão.

Neste trabalho, apresentamos brevemente como as mulheres viviam na época e no local onde Maria vivia com o intuito de contextualizar sua vida para entendermos melhor as dificuldades que ela enfrentou para viver sua espiritualidade da forma como acreditava que deveria.

Na segunda parte, falaremos dos vários papéis desempenhados por Maria e como ela foi exitosa na educação do filho Jesus, encorajando-o a “tomar sua cruz” e fazer o que era necessário ser feito em favor dos que sofriam.

Na terceira parte, faremos as considerações finais, refletindo brevemente sobre o papel da mulher na atualidade e, a seguir, apresentaremos os autores que deram sustentação às nossas reflexões e às nossas falas nesta pesquisa.

Voltando no tempo, entendendo o contexto

Teólogo luterano alemão, Joachim Jeremias (1900-1979) informa que, naquele tempo, o pai mantinha a autoridade sobre as filhas até elas completarem doze anos e um dia. Aos doze anos e meio, ela podia escolher com quem casar, passando assim, do poderio paterno para o poder marital, porém o dote ficava com seu pai. O papel dela consistia em cuidar da casa, dos filhos, da fiação da lã, da plantação, da colheita e da confecção de roupas para atender as necessidades da família.

Ao homem era permitida a poligamia e o direito ao divórcio, o que tornava a mulher absolutamente dependente do esposo. Raramente a mulher poderia pedir a separação e, ao ficar viúva, recatadamente, teria que aguardar que os seus cunhados lhe pedissem em casamento ou a rejeitassem para que, assim, pudesse casar com outro homem (JEREMIAS, 2010, p. 478-479).

Segundo Morin (2006), no âmbito religioso, enquanto o homem era obrigado a guardar a Lei, a mulher era dispensada e os mestres afirmavam ser preferível queimar as Leis que ensiná-las às mulheres. Tinham espaço marcado no templo, não podendo circular pelos mesmos lugares que os homens e eram excluídas quando em período menstrual e puerperal. Também era proibida a entrada destas à parte reservada aos escribas e não exerciam nenhuma função religiosa, acusadas de, “facilmente, caírem na idolatria”. Suas dificuldades aumentavam pelo fato de serem analfabetas (TEPEDINO, 1990, p. 68-69). Desta forma, sua participação nas celebrações se dava apenas através do simplesmente ouvir.

Maria é uma mulher que está muito à frente do seu tempo e participa ativamente da vida social em que vive (TEMPORELLI, 2010). Ela está presente na vida do povo da forma como for necessária e, por isto, hoje é conhecida por muitos nomes de acordo com a função que teve na vida do filho/fiel. A partir de agora, veremos alguns nomes pelos quais ela é conhecida, porém, como já falamos acima, não nos deteremos nos nomes que trazem a presença dela sob o ponto de vista teológico e sim em uma perspectiva marcadamente histórica.

Maria dos mil nomes: desempenhando vários papéis

Maria é considerada pela Igreja como a “Virgem que sabe ouvir” e “aquela que acreditou” (CARLO, 1980), porém, ela não apenas ouve e aquieta-se, mas inquieta-se, despe-se do medo e quebra os paradigmas da época. Transita entre o ouvir e o “ver, julgar e agir[4] e, por isto, pode ser caraterizada através de diversos nomes de acordo com a necessidade de seus filhos terrenos e com sua ação materna:

Maria Missionária: a compadecida

Ao receber a notícia da gravidez de Isabel, sua parenta, mesmo também estando grávida, Maria foi imediatamente visitá-la (Lc 1:39), “permaneceu com ela mais ou menos três meses e voltou para casa" (Lc 1,39).

A Bíblia de Jerusalém em suas notas ainda explica o versículo “Maria permaneceu provavelmente com Isabel até o nascimento e a circuncisão de João”.

[4] Este método é parte da Doutrina Social da Igreja quando, em 15 de Maio de 1961, lança a encíclica *Mater et Magistra* e reafirma sua opção pelos pobres.

Lucas (1,64-67; 3,19-20; 8,37-38) esgota o assunto antes de passar para outro, dando a entender que ela cuidou da prima até o final do puerpério.

O Papa Bento XVI (2010), refletindo sobre a intenção missionária do Apostolado da Oração para o mês de maio, observa que:

> Maria ficou com Isabel por três meses, e durante este tempo dedicou-se a ajudá-la, prestando-lhe cuidado e atenção de que precisava em seu estado delicado, dada a sua maternidade em idade avançada.

O Papa Bento XVI (2010) discorre sobre uma Maria, que se colocou a serviço de Deus e evidencia sua fé através do serviço às pessoas e, movida pelo amor, quer compartilhar a alegria da Boa Nova, o que a torna, potencialmente, uma missionária. Ela vai para longe de sua casa e de sua cultura, se projetando para fora de si mesma para servir ao próximo tal qual aconteceu com outros profetas, como, por exemplo, Abraão (Atos 1,8).

Maria Mãe: exemplo de educadora

Jesus acolhia todas as pessoas, pecadores e marginalizados, homens, mulheres e crianças em igualdade de condições. Isto era revolucionário para a época e Maria se fez presente em todos os momentos como mãe que acompanha o filho e o orienta tal qual o fez nas Bodas de Canaã (Jo, 2-1:11) quando solicita que seu filho tenha compaixão e participe da resolução do problema que se apresenta naquela circunstância (falta de vinho)[5].

O Filho se mostra pensativo, pondera que ainda não é hora de se expor, talvez tenha ficado com receio de tomar atitudes que iriam lhe trazer dificuldades políticas, como realmente aconteceu, porém, ela, com a certeza da obediência dele, ordena de forma assertiva aos serventes: “Fazei tudo como ele vos disser” (Jo, 1:5) e assim é feito, numa demonstração: a) de uma educação eficaz, na qual a mãe orienta e o filho obedece; b) de uma mãe que não tem medo de exercer sua autoridade; c) de uma mãe que educa o filho para a compaixão e a intervenção na vida do povo. “Toda sua vida será um serviço a este filho; ajudá-lo a crescer, acompanhá-lo em sua missão redentora e, junto com ele, revelar aos homens o rosto do Pai de infinita bondade” (BOFF, 1986, p.80).

[5] Alguns autores interpretam o vinho como alegria. Se falta vinho, falta a alegria e a felicidade para o povo.

Maria se mostra como uma mãe que assume uma maternidade que ultrapassa todo sentimento de maternidade experimentado por outra mulher. Ela vive a maternidade como uma opção que assumiu com plena e total liberdade numa atitude de profundo acolhimento e estreito relacionamento com o filho. Em uma das perspectivas apresentadas por Leonardo Boff (1986), ela foi virgem antes, durante e após o parto, pois, o sentido da virgindade reside no fato de que:

> nela não existe nenhuma ruptura que tanto magoa e dramatiza nossa existência. (...) Sua plena inteireza diante de Deus ganha tangibilidade histórica na virgindade. A virgindade física é símbolo de uma realidade interior muito mais real e densa que a realidade empírica (p.79).

Segundo Boff (1986) a virgindade representa também uma entrega radical de Maria a Deus que é seu projeto de vida central no qual todo e qualquer amor é criado e para o qual todo amor deve voltar.

Maria: a generosa

Maria oferece tudo o que de melhor era seu: seu próprio filho. Enquanto as mães buscam a própria glória no sucesso dos filhos, Maria, numa situação diametralmente oposta, faz emergir com intensidade um amor tão grande pela humanidade que se dá e também dá seu filho para morrer por todas as pessoas para que aprendam com Ele a ser comunidade, a se fortalecerem para, juntos, conquistarem o reino prometido por Deus, realizando este reino aqui mesmo na terra.

Jesus é criado por esta mãe que o torna uma pessoa capaz de ter uma generosidade sem limites, capaz de descobrir e despertar nas pessoas o que há de melhor nelas. Reconhece com elogios aqueles que já levam uma vida mais próxima ao tipo de vida que Deus propõe para a humanidade, como no caso da viúva que oferta do pouco que tem (Lc, 21: 3-4). Jesus e Maria então, se descentram em favor dos outros e gestam uma nova comunidade onde “todos repartiam o pão e não havia necessitados entre eles” (At. 2,43-8).

A generosidade é a disposição de praticar o bem. É oriunda do dom, da capacidade de sensibilidade e de doação, de desensimesmar-se e de caminhar em direção aos outros e, quanto mais se caminha em direção aos outros, mais se percebe caminhando em direção a si mesmo e ao Transcendente. Ter generosidade é sentir-se absolutamente livre da mesquinhez, da vaidade e do autocentramento. É

esse sentimento que os leva a alargar o coração e a mente e se comprometerem de forma extremamente profunda num exemplo de total doação colocando-se para servir mesmo quando poderiam ser servidos.

Maria Evangelizadora: modelo de participação no projeto de salvação da humanidade

Ir ao encontro de Isabel, além de ser um ato de solidariedade foi também um ato de evangelização que pode ser entendido como o ato de promover o encontro do próprio Jesus com as pessoas e das pessoas com Jesus.

Maria inicia neste momento a entrega do seu próprio filho à toda humanidade e o ápice desta atitude ocorre quando ela o acompanha durante todo o período conhecido como “a vida pública” até à morte na cruz quando o próprio Jesus a entrega como mãe de toda a humanidade e entrega toda a humanidade para estar sob sua maternagem através da recomendação que faz a ela e ao discípulo (Jo, 19:25-27).

A partir de então, Maria torna-se a grande mãe de todos os viventes, uma nova Eva, dignificando a mulher divinizando a maternidade humana que passa a refletir a maternidade divina (MURAD, 2004).

Considerações finais

Acompanhar a trajetória de um filho é tarefa árdua para toda criatura. Gerar uma vida é dar sua própria vida, é carregar esta vida junto ao seu coração e alimentá-la com sua própria essência biológica e espiritual. Porém, este é um dos papéis desempenhados pela mulher. Ensinar um filho a servir ao invés de ser servido, estimulá-lo a atitudes que sabidamente o levarão ao sofrimento e assistir a sua morte, é tarefa pesada por demais para qualquer mãe. Porém, este foi o papel que Maria desempenhou por livre e espontânea vontade, colocando-se a serviço de Deus e da humanidade.

Desta forma, Maria é o protótipo de cristã, a mais perfeita seguidora de Cristo e maior colaboradora no projeto de salvação do mundo. Ela iniciou uma nova aliança entre Deus e os homens, dizendo “sim” como resposta, se comprometendo com o social, diante da situação de opressão na qual se encontrava.

Esta atitude nos impele a pensar o modo como nós vivenciamos a nossa condição nos dias atuais e como Maria vivenciou esta mesma condição, num tempo em que a mulher vivia restrita ao ambiente doméstico e, mesmo nele, era postergada em relação ao homem. Maria serve como modelo norteador para ressignificarmos nossas práticas enquanto partícipe da grande família humana e habitantes de um mesmo planeta.

Esperamos que este trabalho ajude a aproximar mais as pessoas da figura de Maria, pois, mesmo para quem não a vê como a Teologia Católica a vê, pode vê-la sob uma outra perspectiva, porém, em nenhum dos casos, ela deixa de ser a mulher mais importante de todos os tempos: A mãe de Jesus. E isto nos leva a concordar que “a pessoa de Maria e suas várias funções ligadas à realidade da mulher começam a ser divinas” (BOFF,1986).

Não queremos aqui em nenhum momento colocar Maria como centro do projeto de salvação da humanidade, não estamos pleiteando uma igreja mariológica. Sabemos que Cristo é o centro, é a diretriz, porém Maria é parte fundamental por ter sido uma mãe humanamente divina.

Referências

BÍBLIA – **Bíblia Ave Maria.**Tradução de Frei Antônio Eduardo Quirino de Oliveira, OP. São Paulo: Editora. Ave-Maria, 1996.

BÍBLIA – **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

BOFF, Leonardo. **A Ave-Maria: o feminino e o Espírito Santo**. 9ª. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CARLO, Carreto**. Maria, a mulher que acreditou**. 6ª. ed. São Paulo: Paulus, 1980.

JEREMIAS, Joachim. **Estudos no novo testamento.** São Paulo: Editora Academia Cristã, 2010.]

JÚNIOR, João Luiz Correia; DE CARVALHO, Maria Aparecida . **A Mulher no Movimento de Jesus.** In: 15ª Jornada de Iniciação Cientifica da UNICAP. Recife: FASA GRÁFICA, 2013.

MORIN, Edgar.**Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 11 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2006.

MURAD, Afonso. **Maria, toda de Deus e tão humana**. São Paulo: Paulinas, 2004.

TEMPORELLI, Clara. **Maria, mulher de Deus e dos pobres: releitura dos dogmas marianos**. São Paulo: Paulus, 2010.

TEPEDINO, Ana Maria. **As discípulas de Jesus**. Petrópolis/RJ: Vozes.1990

VATICANO. ***Mater et Magistra***. Cidade do Vaticano, 1961.

_____. **Discurso para a conclusão do mês mariano**, 2010 http://www.mundomissao.com.br/menu.asp?menu=36&submenu=80. Acesso em 30.04.2017.